



Vol. 7 nº 14 jul./dez. 2012
p. 127-138

SEGREDOS DE SER/ESTAR NA UNIVERSIDADE: MOVIMENTOS INSTITUÍNTES A PARTIR DO PARADIGMA ÉTICO-ESTÉTICO

SECRETS OF BEING THE UNIVERSITY: INTITUTING MOVEMENTS FROM THE ETHICAL- AESTHETIC PARADIGM

Monique da Silva¹
(Universidade Federal de Santa Maria)
Marília Regina Hartmann²
(Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha)

RESUMO: Começamos a gestar em um grupo de pesquisa, um encontro que instituisse outras maneiras de estar juntos na universidade, um lugar de compartilhamento de saberes e experimentações estéticas buscando romper com a dicotomia entre ciência e arte. Implicadas na organização e também como participantes deste, olhamos para o nosso processo formativo e percebemos tal evento como um dispositivo de criação, esta que, para Castoriadis não é a descoberta, mas a constituição do novo. Nesta narrativa de formação, escrita a quatro mãos, além de contarmos a nossa história dialogamos com outros personagens que foram escolhidos por habitarem o mundo das nossas pesquisas. Exercitando a possibilidade de criação, para este artigo nos lançamos ao desafio de narrar nossa experiência a partir de um conto. A partir desta experiência, percebemos que é possível criar movimentos instituintes de aproximação, cuidado de si, trabalho em grupo, criação e compartilhamento das pesquisas. Assim, focamos na universidade sob o paradigma ético-estético, este, que aciona um outro lado da razão, pautado na sensibilidade, nas emoções e no corpóreo, buscando desvendar os segredos de se instituir outras maneiras de ser/estar na instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário Social; Formação docente; Cuidado de si; Ética-estética.

ABSTRACT: We began to gestate in a research group, a meeting to institute other ways of being together in the university, a place of sharing knowledge and aesthetic experimentations seeking to break with the dichotomy between science and art. Involved in the organization as well as participants of this, we look at our formation process and we perceive this event as a creation device, this one, for Castoriadis is not the discovery, but the constitution of new. In this narrative formation, written for four hands, beyond we tell our history, we dialogue with other characters that were chosen by inhabiting the world of our research. Exercising the possibility of creating, for this article we launched the challenge to narrate our experience from a tale. From this experience, we realized that it is possible to create instituting movements of approach, self-care, group work, creation and sharing of research. Thus, we focus on the university under the ethical- aesthetic paradigm, this, that triggers another side of reason, based on the sensitivity, emotions and body, seeking to unveil the secrets of instituting other ways of being in the

institution.

KEYWORDS: Social Imaginary; Teacher formation; Self-care; Ethical-aesthetic.

DE COMO SURTIU A IDEIA

Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pequeninas.

Eduardo Galeano – O livro dos abraços

Aqui de cima podemos ver muitas coisas. Primeiro as cores, é como se você visse uma menina com um vestido colorido girando ao redor de si, são tons, relevos e movimentos. Depois a Terra, que não é plana. As nuvens são como pedaços de algodão, que saíram da caixinha e voaram para se transformar no que queremos ver. O vento agita tudo no ritmo da sua dança. Os pássaros - que inveja dos pássaros - eles nascem sabendo voar. Os homens, organizados em sociedade, movimentam-se como formigas cumprindo suas tarefas e obrigações, sabemos que eles tem desejos mas, às vezes, nem parece.

Habitamos o corpo de alguém que está grávido. Somos duas, um par, uma parceria: seus olhos. Uma tem os cílios cacheados e não toca os pés no chão. A outra, com seus longos cílios, gosta de voar em bando. Decidimos contar esta história juntas porque, além de morarmos uma ao lado da outra, apostamos na escrita compartilhada como (re)significação dos sentidos atribuídos ao vivido durante a criação do corpo que nos abriga. Para esta contação, somos os olhos porque acreditamos que eles “participam do ato instituinte do mundo para alguém” (TEVES, 1992, p.13), entretanto, “aquele que olha o faz a partir de uma determinada perspectiva e de um imaginário social” (id., ibid.).

E para falarmos do nosso hospedeiro precisamos voltar aos momentos de sua geração, quando ele criou-se com as próprias mãos. De antemão, avisamos que poderemos falhar na linearidade dos fatos, pois “Nossa história pessoal nada mais é assim que a narrativa de nossas ações descosidas e, ao contá-la, é por meio de razões, não por meio de duração, que pretendemos dar-lhe continuidade.” (BACHELARD, 1988, p.39).

No princípio existiam as mãos, cheias de dedos, calos, unhas coloridas, roídas ou compridas. Dedos longos, curtos, grossos, positivos, cutucadores, mal educados e frágeis. Estas mãos entrelaçadas são um Grupo de Pesquisa que, há vinte anos, vêm trabalhando com formação de professores e espalhando os dedos que se soltam, vestidos com a camisa do imaginário, por instituições de ensino.

Você consegue entender por que o Grupo de Pesquisa são mãos? Aliás, porque são mãos entrelaçadas? Na gestação do homem brotado de pequeninas o grupo faz um movimento de criação, no qual, as mãos trabalham juntas para construí-lo. Não podemos

falar das mãos sem destacar seu dedo indicador, um dedo feminino que orienta, além dos olhos que hoje contam sobre o homem grávido, também somos dedos orientados.

Estas mãos estavam se sentido enrijecidas com a atual estrutura dos eventos acadêmicos, seus movimentos estavam presos. A universidade não vinha favorecendo um espaço provocativo de socialização do que é produzido, lugares de criação e escuta do outro. Assim, das mãos insatisfeitas, que pensavam a pesquisa/formação a partir de um paradigma ético-estético, começou a brotar um outro ser, uma outra forma de estar junto na universidade, pautado na sensibilidade, nas emoções e no corpóreo, buscando desvendar os segredos de se instituir outras maneiras de ser/estar na instituição.

UM CORPO QUE CRIOU-SE PELAS PRÓPRIAS MÃOS

A você que está lendo esta história, trazida para esta revista acadêmica, gostaríamos de justificar o porquê deste estilo de escrita. Assim, já introduzimos uma das inquietações que levou as mãos a movimentarem-se na geração do ser que habitamos. Para narrarmos o vivido, preocupamo-nos com que você perceba nossos traços, sinta nosso cheiro, ouça nossa voz, enxergue nossos movimentos e divirta-se com nossas manias. Tudo isso porque acreditamos ser possível unir ciência à literatura, poesia, arte, e outras maneiras de registrar os processos de formação.

Optamos por este estilo de escrita influenciadas pelas ideias que viemos discutindo no Grupo e pelas leituras que nos instigam à criação na produção de conhecimento. Ainda, porque não poderíamos falar do homem que habitamos se não a partir de uma escrita que também está grávida, visto que estar neste corpo implica uma experiência estética, colocando em movimento o sentimento, a sensibilidade, enfim, este outro lado da razão (HERMANN, 2010).

A experiência estética de que falamos foi vivenciar um evento acadêmico, o qual nos referimos neste texto como o homem que está grávido, a partir de dois lugares: de organizadoras e de participantes. Para iniciar a elaboração deste conceito alertamos ao leitor que tome estética não apenas enquanto belo, e sim, a partir da sensibilidade. A sensibilidade de que falamos refere-se ao potencial de sentir em diferentes dimensões - pelo olhar, pela escuta do outro, pelas experimentações, pelo meio social, pela fala, pelo estar junto - o que nos atravessa, mobilizando a formação a partir do paradigma ético-estético. Em outras palavras, pensamos que:

A experiência estética – na medida em que abala nossas convicções comuns e suspende a normalidade das certezas justificadas – é reivindicada para uma ampliação da compreensão ética da educação, um modo de trazer novos elementos para o juízo moral, como alternativa à reflexão ética exclusivamente racional. Tais experiências de liberação da subjetividade cumprem um papel formativo do eu. (HERMANN, 2010, p.17)

É nesta perspectiva que as mãos geradoras pensam a universidade como um lugar possibilitador de vivências estéticas produtoras de subjetividades, impulsionando a

formação a partir da relação experiência-sentido. Mas como atribuir sentido à uma vivência para que esta se torne uma experiência formativa? A partir do nosso lugar de fala, a universidade, apostamos no imaginário e no cuidado de si como dispositivos de significação.

Neste ponto, não podemos deixar de voltar nosso olhar para a atual configuração da universidade. Fragmentada, individualista, operacional, esta maquinaria tem direcionado os processos de formação a partir de prazos, exigências e produções, que muitas vezes, alheias ao desejo acaba por produzir conhecimentos esvaziados de sentido. Nesse assunto, simpatizamos com Chauí quando esta diz que, a universidade,

Definida e estruturada por normas e padrões inteiramente alheios ao conhecimento e à formação intelectual, está pulverizada em micro-organizações que ocupam seus docentes e curvam seus estudantes a exigências exteriores ao trabalho intelectual. A heteronomia da universidade autônoma é visível a olho nu: o aumento insano de horas-aula, a diminuição do tempo para mestrados e doutorados, a avaliação pela quantidade de publicações, colóquios e congressos, a multiplicação e relatórios, etc. (CHAUI, 2003, p.3).

Olhamos para a universidade hoje não de maneira passiva pois esta gera um mal estar, ao contrário, nossa insatisfação é motor, nos mobiliza a propor movimentos instituintes pautados na união entre ciência e imaginário. Teixeira Coelho (1994) problematiza a educação escolar através da metáfora da casa, na qual a base seria o sensível, as paredes dizem respeito às experiências e eventos e, o telhado constitui-se de normas e convenções. Sua crítica é que a escola construiu sua casa começando pelo telhado, onde, muito envolvida com as normas e convenções, pouco trabalha na perspectiva das experiências e eventos e mal chega a tocar sua base, os sentimentos e o imaginário. Propomos, nesse sentido, pensar a universidade também como esta casa e, nesse momento, convidamos a uma reflexão: Por onde estamos iniciando a construção de nossas casas - ensino, pesquisa e extensão? Qual é o lugar do imaginário nas instituições de ensino superior? Há espaço para a criação no meio acadêmico?³

Preocupamo-nos com o lugar da criação uma vez que esta possibilita movimentos instituintes, novas maneiras de ser/estar/fazer na universidade. Tomamos estes conceito de Cornelius Castoriadis (1982, p.162), para o qual “o essencial da criação não é ‘descoberta’, mas constituição do novo; a arte não descobre, mas constitui; e a relação do que ela constitui com o ‘real’, relação seguramente muito complexa, não é uma relação de verificação.” Neste sentido, o processo de criação parte de algo existente para a partir daí construí-lo de uma nova maneira.

No momento em que falamos de criação voltamos à história de como se deu a gestação do homem que habitamos – um evento acadêmico. Desde as primeiras cogitações sobre organizar um evento, as mãos entrelaçadas – Grupo – tiveram como premissa a criação de um novo formato para este, um lugar que congregasse formação,

poesia, pesquisa, literatura, música, educação, teatro, corporeidade e experimentações, através de provocações no âmbito do imaginário.

Talvez seja necessário doravante prever a poética possível de um congresso, preparando-o com espíritos criativos não especialistas (poetas, artistas, escritores, artistas-artesãos, membros de comunidades marginais, etc.). Tentar não *preencher tudo* (com comunicações, reuniões, debates, personalidades, etc.), mas sim descobrir a estrutura que favoreça o *choque das diferenças no abismo da falta*. (BARBIER, 1985, p. 18)

Assim, das mãos entrelaçadas foi brotando um homem grávido de muita gente...

Caso você tenha esquecido, além de sermos os olhos do homem sobre o qual escrevemos esta história, somos também dedos das mãos entrelaçadas, em outras palavras, criadoras do ser que nos abriga.

Já contamos a você da diversidade de dedos que constituem o Grupo, são eles professores de filosofia, história, química, letras, sociologia, pedagogas, nutricionistas, designers, enfermeiras, psicólogas e atrizes. Sementes destes elementos singulares foram brotando a partir das mãos, assim, vemos esta multiplicidade como potência geradora das formas que o corpo foi tomando. O homem foi se moldando em reuniões regadas a cheiros, sabores e ideias deliciosas, nas quais as mãos se encontravam, especificamente, para tratar desta construção, durante mais ou menos uns quatro meses. Nossa noção de tempo é incerta visto que entre o tempo identitário e o imaginário (CASTORIADIS, 1982) podemos dizer que tudo foi um piscar de olhos.

Nesses encontros/reuniões discutíamos como produzir um evento que fosse instituinte de outra maneira de socializar trabalhos acadêmicos. Mas, como criar este lugar? Na tentativa de responder esta questão, destacamos elementos que gostaríamos que compusessem um evento. Ele deveria ser um espaço que reunisse pessoas em torno de: artes visuais, teatro, falas de convidados, danças, estudos e pesquisas e imagens.

No momento em que o homem já tinha algumas das suas partes formadas foram brotando as primeiras peçonhas, estas que trouxeram força para que ele continuasse crescendo. Estamos falando de quem nos apoiou, outros grupos de pesquisas, outras instituições universitárias, fundação de amparo à pesquisas, centros, departamentos e programas de pós-graduação da universidade que habitamos.

Com a continuação de nossas reuniões e o apoio que recebemos, seu corpo foi se constituindo de provocações – faladas, artísticas e permanentes –, de uma ciranda do imaginário e salas de discussão. Ele habitaria uma caixa preta que desafia nossas concepções de espaço e seria saboreado como o bolo caseiro dos seus intervalos. Ao passo que já tinha um corpo, precisava de um nome – Ah! Como é difícil escolher o nome da criatura!

Você lembra que o homem nasceu grávido? Ele está grávido de um movimento. Sua gravidez não se localiza apenas na barriga, ele é todo instituinte. Ele quer que nasça uma nova maneira de encontrar-se para discutir o que é produzido nas instituições de

ensino superior.

UM HOMEM TODO BROTADO DE PESSOINHAS

Enquanto narradoras desta história – na qual refletimos nossa formação – somos os olhos do evento. Quando de sua organização éramos dedos das mãos. E durante as duas edições que o evento já teve, também fomos pessoinhas que brotaram do corpo do homem grávido. Confuso, não? Mas tenha calma, para cada bicho de sete cabeças existem outros sete sem (GALEANO, 2011).

Já fomos esquecendo de contar o nome do corpo que habitamos. Não foi uma tarefa fácil para as mãos encontrar uma expressão que sintetizasse o homem e sua gravidez. Assim, com o trabalho das mãos entrelaçadas surgiu o homem que está todo brotado de pessoinhas, um Encontro, em seu nome algo sobre ouvir, sobre estar junto, sobre outras formas de ser/estar na universidade.

Como já dissemos, foram surgindo outras vidas em diferentes lugares do corpo do homem. Nas suas orelhas estavam as Provocações criadas pelos convidados, elas foram aparecendo através de falas, imagens, movimentos e sons. Em suas pernas formaram-se grupos de pessoinhas que germinaram a fim de compartilhar suas pesquisas acadêmicas e experiências de vida e formação. Os ouvidos e as pernas forma unidos pelo tronco, uma Ciranda do Imaginário.

Enfeitado como alguém que agrega muitas tribos, nosso vaidoso Encontro utilizou-se de provocações permanentes como adereços. Ainda, não habitamos um corpo nu – temos nossos princípios. O homem está envolto em um tecido, que dá a impressão de ser como um tule, o qual movimenta-se com o vento e possui a leveza do que não é estático, como um velcro no qual (des)grudam-se significações e, além disso, não pode ter sua cor definida, visto que é constituído de todas elas. Esta roupa chama-se Imaginário Social.

O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos. (CASTORIADIS, 1982, p.13)

Numa tentativa de “clarear suas ideias” vamos, a partir de agora, narrar como conviveram os brotos a partir das partes que habitavam no corpo do homem. Começaremos pelas suas orelhas, nas quais aconteciam as Provocações, em cada uma delas existiu um broto “provocador”. As mãos entrelaçadas pensaram que as Provocações deveriam ir além do ato passivo de ouvir, desviando os participantes de seus percursos habituais de pensamento e trazendo consigo a perspectiva estética na qual apostamos.

Os assuntos que pautavam os diálogos das Provocações foram do corpóreo ao ensino superior. Nas questões relativas à corporeidade, atores e dançarinos trouxeram um questionamento sobre como estamos nos relacionando com o nosso corpo. Isso se deu através da arte circense, da street dance, da dança sobre rodas com cadeirantes e de imagens que problematizaram o corpo feminino e a sexualidade.

A memória e a história de vida também ressoaram nos ouvidos do homem e pautaram algumas discussões, como na narrativa de uma história de vida através do teatro de sombras e músicas. Além disso, “Se a sua cidade estivesse condenada a desaparecer e lhe fosse dado o direito de salvar/preservar um prédio, qual prédio você escolheria/salvaria?”, a partir desta proposta foi criada uma cidade imaginária composta da memória coletiva. Ainda, foi pensado as histórias de vida através de espaços virtuais, instituintes de imaginários e configuradores de identidades.

Sentir, ler, ver e ouvir foram movimentos que também atravessaram o ambiente e as pessoinhas que haviam brotado ali. Provoações a partir de documentários, da música, de poesias e literatura buscaram tocar as questões do cotidiano pelo viés do sensível. Este que, para quem se envolve nas questões do imaginário, é a base que constitui as sociedades e as relações humanas.

Além disso, discussões sobre o tempo implicando na rotina acadêmica contemporânea também ecoaram pelo evento. Observando a demanda de trabalho que a universidade impõe, problematizou-se como os indivíduos vêm se relacionando com o tempo em suas vidas. Personifica-se o tempo, carrasco ou amigo – é ele que dá ritmo às pessoas ou elas é que o governam? Algumas provocações pensaram o ensino superior a partir desta ótica.

Brilhos, detalhes, texturas, nosso hospedeiro utilizou adereços artísticos a fim de que a estética fosse uma das marcas do seu corpo. Alguns artistas trouxeram cor ao evento através de suas obras, ao mesmo tempo em que abordavam temas como religião, imaginário e moda. Com estas provocações permanentes o evento buscou problematizar o lugar da arte na academia.

Partindo da perspectiva de que a universidade é sustentada pela produção de conhecimento através do tripé ensino, pesquisa e extensão, são nas pernas do corpo do Encontro que se compartilhou o que vem sendo produzido na academia. As pessoas que brotaram ali socializaram seus trabalhos em Rodas de Discussão que envolviam o imaginário a partir das seguintes temáticas: expressões culturais, escola, formação, sociedade, saúde e concepções teóricas de imaginário.

Para que esse diálogo acontecesse cada pessoa recebeu com antecedência as escritas que iriam compor a sua Roda de Discussão. Contra a lógica de apresentação de trabalhos nos eventos acadêmicos, nos quais o apresentador “se vira nos 10” para compartilhar seu trabalho reflexivo – compartilhar? –, o homem propôs que em suas pernas fosse discutido sobre as produções, indo além da ideia simples de comunicação. Outro desafio vivenciado por quem brotou nas salas de discussão foi o de organizar uma maneira dinâmica de apresentar o que representaria seu grupo, num movimento de criação que preencheu outra parte do corpo.

Foi no tronco do homem que os brotos se reuniram para apresentar “E você, ouviu o que?”, este foi o tema da Ciranda do Imaginário - um território de socialização do produto das conversações nas Rodas de Discussão. Nesse momento de integração, o imaginário se destacou como potência criadora de várias formas de expressar-se. Ainda, literalmente, como “música para os ouvidos” um grupo de percussão, a partir da provocação “Tambor pensante” levou as pessoinhas a experimentarem-se numa produção

musical coletiva, a qual encerrou o evento.

Nós, os olhos, já contamos sobre o que aconteceu com quem brotou no corpo do homem grávido que habitamos: as Provoações em suas orelhas, as discussões sobre as pesquisas em suas pernas, a Ciranda do Imaginário em seu tronco, seus adereços e a roupa que o envolvia. Agora, caso isso tenha passado despercebido, iremos retomar o porquê de sua gravidez.

Na verdade, o Encontro já nasceu grávido. Ele foi pensado para carregar dentro de si um movimento que instituisse outras maneiras de socializar a produção de conhecimento da/na universidade, tendo como princípio a união de ciência e imaginário, a partir de um paradigma ético-estético, do cuidado de si e da vida como obra de arte.

A tarefa de criação de si é ética e estética, envolve o sensível e o racional, o singular e o universal, e a relação entre os domínios tão separados não é de oposição ou exclusão, mas de complementaridade. Só numa abertura que ultrapasse os rígidos limites sob os quais se demarcam os campos de investigação sobre ética e estética, pode-se situar a educação em outro horizonte, para além daqueles aprisionamentos que também Adorno denunciou, ao deparar-se com as terríveis consequências de uma racionalidade que torna a educação enredada nas teias da frieza e da brutalidade. (HERMANN, 2010, p.22)

Concordando com Hermann, também acreditamos que a tarefa de criação de si é atravessada pela ética e pela estética, por isso olhamos para a nossa formação enquanto olhos, dedos, pessoinhas, pedagogas e professoras, buscando valorizar nossa experiência no Encontro como um dispositivo de formação.

UM EVENTO QUE ESTÁ GRÁVIDO DE MUITA GENTE

Quando tivemos a ideia de fazermos esta escrita reflexiva sobre nossa formação durante o envolvimento com o Encontro – o homem que está grávido de muita gente – revisitamos este processo a partir de fotografias, vídeos, diálogos e anotações, acionando assim nossas lembranças. Isso porque acreditamos que a formação é um “trabalho sobre si mesmo” (FERRY, 2004) e, nesse sentido, a memória tem um papel fundamental, buscando,

Identificar as experiências de formação na constituição da história de vida constitui um trabalho de compreensão hermenêutica (ou *trabalho biográfico*), visto que a identificação destas experiências não é dada e que estas só podem ser nomeadas e descritas quando se constrói a significação de cada uma delas para o conjunto do percurso de formação. (DELORY-MOMBERGER, 2009, p.249)

Visto que somos um par de olhos refletindo sobre a formação, num “movimento

que reconstrói e desmitifica, que aciona a criatividade, o autoconhecimento e a autodeterminação, ingredientes de imaginários radicais capazes de propor outras formas de vida” (OLIVEIRA, 2004). Em outras palavras, num movimento formativo, pensamos no lugar que ocupamos no Grupo, no trabalho de organização do encontro que motiva esta escrita, na dinâmica em que se deu o evento e nas reflexões que este nos proporcionou é que transformamos nossas vivências em experiências, isso porque apostamos no par memória-reflexão para dar sentido ao vivido.

Esta ideia apoia-se nos estudos que viemos fazendo sobre formação a partir de experiências de vida, os quais afirmam que,

a experiência pode tornar-se em tal *a posteriori* de um acontecimento, de uma situação, de uma interação; é o trabalho de reflexão sobre o que se passou; mas uma atividade qualquer é também experiência desde que o sujeito se conceda os meios de observar no decorrer da atividade, o que se passa e reflita sobre o que esta observação lhe traz como informação sobre a atividade empreendida. Em outras palavras, uma experiência é uma ação refletida *a priori* ou *a posteriori*. (JOSSO, 2004, p.143)

Assim, tomamos nossa experiência com o Encontro como formativa, sob três âmbitos: da responsabilidade com o cuidado de si na elaboração do mesmo, do trabalho em grupo e, da dinâmica do ensino superior.

Como o evento almejava ser uma experiência ético-estética – você ainda lembra que ele estava grávido de um movimento instituinte? – buscou-se que o cuidado de si fosse uma de suas características basilares. Sobre este cuidado,

Longe de ser uma ocupação solitária e egoísta, o cuidado de si designa uma prática social, que se dá através da direção de consciência no seio das escolas filosóficas, ou, também, o apoio dado a um parente ou amigo. O cuidado de si é um intensificador das relações sociais. (EIZIRIK, 2005, p.117)

A partir da noção de cuidado, tomando nosso desejo de um evento acadêmico pautado em outras perspectivas, trabalhamos num exercício de cuidar de nós, além do cuidado com o outro, as pessoas que brotariam no encontro. Isso se deu desde a escolha dos provocadores, do espaço físico, dos temas, das provocações permanentes, da dinâmica de socialização dos trabalhos, da divulgação até os vários outros detalhes que deram forma ao homem.

Assim, partindo de nossa participação no Grupo, observamos que trabalhar em grupo é buscar um equilíbrio, em meio à diversidade, para a realização das atividades impostas em determinados momentos, sejam elas: estudos e leituras, projetos de pesquisa e extensão, escritas compartilhadas e organização de eventos. Assim, o andamento de um trabalho coletivo é atravessado pelas concepções de cada participante, pelas relações

estabelecidas, pelos objetivos pessoais de estar em um grupo, pelas expectativas e desejos, além da dinâmica externa que envolve um grupo.

Todas estas peculiaridades características da ação grupal estiveram presentes ao longo do processo de criação e execução do evento que narramos. A mobilização das mãos entrelaçadas – um grupo que reúne profissionais de diferentes áreas – para a realização deste, “Abre el juego de la potencialidad, de la posibilidad y escapa así a lo determinado, poniendo en disposición capacidades diversas de quienes lo realizan.” (SOUTO, 2007, p.7). A partir da demanda de trabalho, cada integrante vai ocupando funções dentro deste território de acordo com sua disponibilidade e habilidade, assim, “Ao ocuparmos os lugares, estamos fazendo escolhas que preencherão os espaços e os transformarão em territórios.” (CUNHA, 2008, p.185). Este movimento implica abertura ao diálogo e a negociações que, junto a outras aprendizagens, constituem um grupo como dispositivo de formação (OLIVEIRA et al., 2009).

Vimos trabalhando com discussões acerca da formação a partir da perspectiva do Imaginário Social e da grupalidade desde quando nos encontrávamos na graduação, o que nos leva a pensar a importância do sensível e do grupal no espaço acadêmico. A partir disso, a carreira docente no ensino superior que temos trilhado toma estas duas correntes teóricas como premissa para a formação de professores. Entretanto, quando pensamos uma experiência para ser contada neste momento, escolhemos o Encontro por ser um acontecimento que reúne Grupos e Imaginário.

Do lugar que habitamos, vemos que a lógica instituída no ensino superior de correr contra o tempo, de publicar em quantidades que, algumas vezes, comprometem a qualidade e, de pensar a formação de maneira individualista – Você sabe do que falamos, não? – não tem proporcionado abertura ao cuidado com o que se produz. Num movimento contrário, apostamos na (re)aproximação das pessoas que fazem a universidade. Para isso,

é necessário que, em um esforço coletivo, o enfrentamento da problemática da docência universitária evolua para a construção de uma pedagogia universitária de natureza multidimensional, agregando diferentes experiências inovadoras que demonstram caminhos pedagógicos viáveis na construção de uma universidade que se orienta para a produção do conhecimento em um espaço interativo de diálogo complexo, de reflexão crítica, de debate, de partilha de experiências, de divulgação e de socialização dos saberes. (MACIEL, 2009, p.65)

Assim, acreditamos que a universidade é uma potência de criação de espaços de compartilhamento, de formação humana, de produção de conhecimentos e de pensar a vida como obra de arte. E esperamos que a história do homem que está grávido deste movimento instituinte também “engravidar” você.

NOTAS

- ¹ Pedagoga, Mestre e Doutoranda em Educação, participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social - GEPEIS, todos pela Universidade Federal de Santa Maria.
- ² Pedagoga, Mestre em Educação, participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social - GEPEIS, todos pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora Substituta do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha - Campus Alegrete.
- ³ Não queremos que você, leitor, passe por estas questões sem incomodar-se. Gostaríamos que você se sentisse como alguém que passou a tarde rolando na grama e ficou cheio de coceiras.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação na instituição educativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- COELHO, Teixeira. O imaginário e a pedagogia do telhado. Educação e Imaginário Social: revendo a escola. In: **Em aberto**. Brasília, ano 14, n. 61, p. 107-111, jan/mar, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. **A universidade pública sob nova perspectiva**. Revista Brasileira de Educação. Dez 2003, no.24, p.5-15
- CUNHA, Maria Isabel da. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. In: **Educação Unisinos**. Vol. 12, n. 3, set./dez. 2008, p. 182-187.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. História de vida, teoria da formação e construção de aprendizados. In: TAKEUTI, Norma Missae e NIEWIADOMSKI, Christophe. **Reinvenções do Sujeito Social: Teorias e práticas biográficas**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- EIZIRIK, Marisa Faermann. **Michel Foucault: um pensador do presente**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- GALEANO, Eduardo. **Bocas do tempo**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- HERMANN, Nadja. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética**. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MACIEL, Adriana Moreira da Rocha. O processo formativo do professor no ensino superior: em busca de uma ambiência (trans)formativa. In: **Pedagogia universitária: tecendo redes sobre a educação superior**. ISAIA, Sílvia Maria de Aguiar; BOLZAN, Dóris Pires Vargas; MACIEL, Adriana Moreira da Rocha. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. p.63-77.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de et al. El grupo como experiência formativa. In: **III CONGRESO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN: construcciones y perspectivas**, 2009, Santa Fé – Argentina. Anais... Santa Fé: UNL, 2009.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. As xícaras amarelas: imaginários e memória de uma rede de pesquisa. In: PERES, L.M.V. (Org.) **Imaginário: o “entre-saberes” do arcaico e do cotidiano**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária/ UFPEL, 2004.

SOUTO, Marta. **El carácter de “artificio” del dispositivo pedagógico en la formación para el trabajo**. Universidad de Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 2007.

TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social. In: TEVES, Nilda. **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus: Faculdade de Educação da UFRJ, 1992. p. 3-33.

Recebido em 15/10/2013

Aprovado para publicação em 26/10//2013